

O embate entre razão e fé traduzidos nos discursos sobre a intolerância: por uma pedagogia da liberdade

Otacílio Gomes¹

Por que ainda a intolerância? Por que os espaços públicos são palcos de guerras e violências por motivações diversas? Nas ruas, igrejas, escolas, campos de futebol jovens se digladiam em defesa de que? Teria fracassado todo o esforço dos intelectuais modernos em defesa da tolerância? Por que ainda odiamos tanto o diferente? Por que tantos conflitos religiosos, étnicos, sociais e políticos? Estariam faltando razão e bom senso em nossas sociedades?

Na modernidade, a intolerância é originariamente identificada nas intestinas guerras religiosas que causaram profundas instabilidades na sociedade. Fé e Razão eram dicotômicas devido à incompatibilidade entre uma sociedade medieval que se desmoronava e uma nova sociedade secularizada que se iniciava. A instabilidade política era a regra: a Europa não encontrava a paz em seus territórios; nas Américas os nativos eram massacrados; mulheres, judeus e marranos eram acusados de apostasia, bruxaria e, em seguida, sacrificados em defesa da fé. Intelectuais viviam proscritos de seus países por não se admitir livre pensamento. Livros eram queimados em espaços públicos. O bom senso era calado: “Todo meio que excita o ódio, a indignação e o desprezo é ímpio”, escreve Diderot (2010) no verbete *Intolerância e Intolerante* da *Enciclopédia*, seguramente, umas das obras mais significativas do século XVIII.

A fé cristã ratificava os discursos em defesa da intolerância. É por isso que na cabeça de alguns pensadores e intelectuais o alvo era de fato a religião revelada. Toda uma literatura foi construída com o intuito de questionar os seus fundamentos para tirar o ser humano do “estado de minoridade”, lembrando Kant. Fanatismos e superstições eram uns dos pilares que sustentavam a intolerância e impediam do ser humano ser senhor do seu destino. Voltaire no *Dicionário Filosófico* (1752) precisamente no verbete *Fanatismo*, afirma que:

O fanatismo, em relação à superstição, é o mesmo que o arrebatamento é para a febre ou a raiva para a cólera. Aquele que experimenta êxtases, visões, que confunde os sonhos com as realidades e as suas imaginações com profecias, é um entusiasta; aquele que alimenta a sua loucura com o crime é fanático (VOLTAIRE, 1978, p.182).

¹ Mestre em Filosofia (UFPB). Professor de Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba (CCHE-Monteiro).

Quer dizer que enquanto se alimentam visões, aparições ou coisas desse tipo, isso não é todo ruim para o ser humano. Agora, quando imaginação e realidade se entrecruzam, e esses visionários querem impor a ferro e fogo suas crenças, aí nós temos o fanatismo a serviço da intolerância religiosa. Esse texto de Voltaire é de 1752. Não poderia ser lido publicamente nos dias de hoje? Nossa sociedade ressuscitou demônios e em nome dele demonizamos religiões afro-brasileiras e homossexuais. “Expulsamos demônios” alimentando o ódio ao diferente: “O *intolerante* ou o perseguidor é aquele que esquece que um homem é seu semelhante e que o trata como um bicho cruel porque ele tem uma opinião diferente da sua” (DIDEROT, 2010, p.209).

Todo o projeto moderno baseado na autonomia, na individualidade e na universalidade, conforme nos apresenta Rouanet, está em crise:

A universalidade significa que ele visa todos os seres humanos, independentemente das barreiras nacionais, éticas ou culturais. A individualidade significa que esses seres humanos são considerados como pessoas concretas e não como integrantes de uma coletividade e que se atribui valor ético positivo à sua crescente individualização. A autonomia significa que esses seres humanos individualizados são aptos a pensarem por si mesmos, sem a tutela da religião ou da ideologia, a agirem no espaço público e a adquirirem pelo seu trabalho os bens e serviços necessários à sobrevivência material (ROUANET, 2003 p.9).

Dessa tríade depende a afirmação das nossas democracias liberais enquanto “poder do povo”, unida à garantia que o espaço público seja um espaço em que se tolerem as diferenças ideológicas e sociais, de comportamentos, de opiniões e de crenças diversas. Onde quer que as nossas democracias se sintam ameaçadas, o espaço público, lugar do diálogo e da convivência entre pessoas diferentes, estará ameaçado. Muito sangue foi derramado para que a tolerância e a convivência ocupassem seu espaço nos dias de hoje, apesar do fantasma da intolerância estar rondando em nossa volta.

Na literatura francesa do século XVIII, encontramos escritos significativos que denunciavam a intolerância como sintoma de uma sociedade decadente. Na obra *Cândido ou O Otimismo* (1759) de Voltaire, há uma passagem importante no capítulo XVIII na chegada de Cândido a Eldorado lugar localizado na América do Sul. O mesmo autor vai defender os nativos da América quando denunciou os massacres no Novo Mundo na obra: *Das conseqüências contra os povos ou das proscricções* (1766). Em Eldorado, Cândido encontra o *melhor dos mundos* que tanto procurava. Em diálogo com um velho, a paz era vivenciada pelo povo de Eldorado, ou seja, de onde menos se esperava se levarmos em consideração que a

Europa era o centro do mundo e o Novo Mundo era habitado por bárbaros, na visão de muitos da época. Voltaire inverte a lógica: os “bárbaros” do Novo Mundo eram mais tolerantes do que os “civilizados” europeus.

No *Cândido*, Voltaire incrementa um discurso já iniciado por Montaigne em defesa dos nativos: “todos os homens são livres” é uma das grandes lições que Cândido aprende em Eldorado. Essa interpretação romantizada atesta a real e cruel invasão dos cristãos ocidentais que em defesa da fé dizimaram nações inteiras nas Américas:

Com o diabo europeu, os missionários transportaram para a América seu inferno de chamas onde colocaram sem hesitação todos os indígenas que tinham vivido antes da chegada do cristianismo. O I Concílio de Lima (1551) recomendou aos padres que dissessem aos indígenas que “[...] como todos os seus ancestrais, todos os seus soberanos se encontram agora nessa morada de sofrimentos porque não conheceram Deus, não o adoraram, mas adoraram o sol, as pedras e outras criaturas” (DELUMEAU, 2009, p.390).

Publicar romances era a forma mais eficaz de divulgação de ideias. A literatura francesa do século XVIII deu uma grande contribuição para a laicização do mundo Ocidental. O romance tinha um escopo pedagógico na proporção em que as ideias anti-clericais e anti-religiosas eram tornadas públicas. A tolerância era defendida, assim como a liberdade, a igualdade e a fraternidade. O alvo era a superstição, os dogmas e o fanatismo. A tríade responsável pela barbárie que sufocava a razão. Gradativamente, as fogueiras da inquisição que preenchiam o espaço público cediam lugar para o livre pensamento, os debates, a divulgação de ideias:

A religião serve de pretexto a esta injusta tirania, cuja consequência é não poder suportar uma maneira de pensar diferente da sua, enquanto sua verdadeira fonte vem da cegueira, da presunção e da maldade do coração humano (DIDEROT, 2010, p.209).

Encontramos em Rousseau na sua obra: *Emílio ou Da Educação* (1762) uma verdadeira “pedagogia da tolerância”, no Livro IV onde está localizada a importante *Profissão de fé do vigário saboaino*. Emílio já é adolescente, então precisa vivenciar a experiência religiosa. A experiência não se dá por meio de dogmas por incentivar o fanatismo e a intolerância e nem por meio dos cultos exteriores, pois: “O culto que Deus pede é o do coração, e este, quando é sincero, é sempre uniforme” (ROUSSEAU, 1999, p.401). Por isso, Emílio tem que estar atento à voz daqueles que querem impor suas opiniões a ferro e fogo: “Vê meu filho, a que absurdo levam o orgulho e a intolerância, quando cada um quer seguir totalmente sua opinião e crê ter razão contra o resto do gênero humano” (ROUSSEAU, 1999, p.418).

O vigário, ao contrário da grandíssima maioria dos padres de sua época – talvez Rousseau quisesse catequisar os padres franceses por meio desse personagem – mostra a

Emílio como se deve praticar a tolerância numa época que os pastores eram enforcados ou jogados às galés se fossem pegos ministrando cultos em território francês:

Se eu tivesse protestantes na vizinhança ou em minha paróquia, não os distinguiria de meus verdadeiros paroquianos em tudo o que diz respeito à caridade cristã; levá-los-ia todos igualmente a se amarem uns aos outros, a se considerarem irmãos, a respeitarem todas as religiões e a viverem em paz cada um na sua religião (ROUSSEAU, 1999, p.423).

Em diálogo como seus contemporâneos, Rousseau nos mostra que é possível que crentes e não crentes possam conviver, efetivamente. Então, o genebrino não atesta uma mera defesa da tolerância religiosa. Há uma clara defesa da tolerância em matéria de liberdade de consciência. E isso é possível quando Rousseau quer unir ateus e crentes no plano moral, como é o caso do casal Wolmar (um ateu virtuoso) e Julie (uma cristã devota) no romance *Júlia ou A Nova Heloísa* (1760); e ateus e cristãos no Estado, como ele o faz no *Contrato Social* (1762). É de fato, o ápice da secularização da moral e da política, pois antes de sermos crentes, somos homens, somos cidadãos. Rousseau põe em derrocada qualquer tentativa de defesa, não apenas de um *cuisregioeiusreligio*, mas também de uma intolerância do Estado para com os ateus, como defendia Voltaire. Para Rouanet:

Com efeito, todo o proselitismo dos filósofos, na esfera ética, tendia a mostrar que os homens podiam ser virtuosos sem a religião revelada, e que esta, pelo contrário, estimulando o fanatismo e a intolerância, tinha sido a principal responsável pelos crimes da humanidade (ROUANET, 2003, p.135).

Rousseau seguiu esse caminho na sua militância em defesa da liberdade. Nada mal para quem teve suas principais obras (*Emílio* e *Do Contrato Social*) queimadas em praça pública e impedido de entrar na sua querida República de Genebra. Essa liberdade não tem apenas um caráter universalista. Ela precisa ser defendida em foro íntimo. A luta universalista de Rousseau se transforma numa luta pessoal, em defesa de sua própria liberdade, de sua própria dignidade. É o homem contra o mundo. Rousseau exige justiça para consigo contra um mundo injusto e hipócrita.

A crise da racionalidade é um das características desses tempos que são considerados tempos pós-modernos. Somos como que empurrados para caminhos bifurcados do ponto de vista moral: a anti-razão e o irracionalismo. As marcas da intolerância na atualidade não estariam nessa bifurcação? O que podemos fazer, nós, “seres do conhecimento”? Seria a tolerância é uma condição *sinequa non* para a vida em sociedade. Pelo menos os pensadores modernos encontraram na defesa desse conceito a melhor maneira de se viver civilizadamente.

É longo o caminho de combate à intolerância. Mesmo com nossas democracias aparentemente consolidadas, parece que muitas cenas de intolerância ainda serão vistas porque pessoas ainda vão pagar o alto preço por ousarem ser diferentes. A religião ainda será motivo de disputa, contrariando aqueles que apostavam até na sua extinção. A intolerância está viva quando a razão e o bom senso adormecem. Por que a intolerância não é extinta apesar de tantas discussões e debates nesses últimos séculos? Será que a violência e ódio são de fato as marcas da natureza humana? Ou o tempo esse velho senhor dos povos cuidará de ratificar o progresso moral da humanidade? Estamos perdendo a razão?

Referências

DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIDEROT, Denis. Os verbetes “Intolerância” e “Intolerante”. *In*: SANTOS, Antônio Carlos dos (Org.) O outro como problema: o surgimento da tolerância na modernidade. São Paulo: Alameda, 2010.

ROUANET, Sérgio Paulo. Mal-estar na modernidade. 2 ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

_____. Emílio ou Da Educação. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Júlia ou a Nova Heloísa. Campinas: Hucitec, 1994.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. Candide ou l’Optimisme. Paris: Gallimard, 1992.

_____. Cândido ou O Otimismo. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. Dicionário Filosófico. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).

_____. Das conspirações contra os povos ou das proscricções. *In*: SCHOPKE, Regina (Org.) Filosofia Clandestina: cinco tratados franceses do século XVIII. Martins Fontes, 2008.